



TORNAR-SE CIENTISTA: NARRATIVAS DE MULHERES PESQUISADORAS NO CONTINENTE ANTÁRTICO

VOLVERSE CIENTÍFICA: NARRACIONES DE MUJERES INVESTIGADORAS EN LA ANTÁRTIDA

BECOME SCIENTIST: NARRATIVES OF RESEARCHING WOMEN IN THE ANTARCTIC CONTINENT

Maria Rozana R. Almeida¹

Paula Regina Costa Ribeiro²

Teresa Vilaça³



RESUMO

O presente artigo tem, como foco, analisar as dificuldades e os obstáculos encontrados nas narrativas de mulheres cientistas, em um ambiente inóspito, de difícil acesso e majoritariamente masculino, como o Continente Antártico. Por meio de entrevistas semiestruturadas, o estudo busca dar visibilidade às narrativas de três pesquisadoras coordenadoras e de cinco pesquisadoras alunas, com experiências em embarques, estação e/ou acampamentos, nas quais é possível perceber que, nas relações de gênero, a partir de uma materialidade biológica, discursos são construídos, em função de atributos ditos masculinos ou femininos. Tais discursos indicam as atividades que podem ou não ser executadas por mulheres cientistas, emergindo, nos enunciados, aspectos que configuram discriminações, preconceitos velados como cuidados, o “funil” maternidade e o modo “feminino” de fazer ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero. Antártica. Ciência.

RESUMEN

¹Doutoranda em Educação em Ciências - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, – FURG. E-mail: mrozana.almeida@gmail.com

²Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com

³Professora e Doutora em Educação pela Universidade do Minho - UMinho, Braga, Portugal. E-mail: tvilaca@ie.uminho.pt

Este artículo se enfoca en analizar las dificultades y los obstáculos encontrados en las narraciones de mujeres científicas en un ambiente inhóspito, difícil de alcanzar y en su mayoría masculino, como la Antártida. A través de entrevistas semiestructuradas, el estudio busca dar visibilidad a las narraciones de tres investigadoras coordinadoras y cinco estudiantes investigadoras, con experiencias en embarque, estación y/o campamentos, en las cuales es posible percibir que, en las relaciones de género, desde una materialidad biológica, los discursos se construyen de acuerdo con atributos llamados masculino o femenino. Tales discursos indican las actividades que pueden o no ser realizadas por mujeres científicas, surgiendo en los enunciados aspectos que constituyen discriminación, prejuicios velados como los cuidados, el "embudo" maternidad y la forma "femenina" de hacer ciencia.

PALABRAS CLAVE: Relaciones de género. Antártida. Ciencia.

ABSTRACT

This article focuses on analyzing the difficulties and obstacles encountered in the narratives of woman scientists in an inhospitable, hard-to-reach and mostly male environment such as the Antarctic Continent. Through semi-structured interviews, the study seeks to give visibility to the narratives of three coordinator researchers and five student researchers, with experiences in shipments, station and/or camps, in which it is possible to perceive that in gender relations, from a biological materiality, speeches are constructed according to attributes called masculine or feminine. Such speeches indicate the activities that may not be performed by women scientists, emerging in the statements aspects that constitute discrimination, veiled prejudices such as care, the "funnel" motherhood and the "feminine" way of doing science.

KEYWORDS: Gender Relations. Antarctic. Science.

* * *

Introdução

Nos anos recentes, no âmbito das políticas públicas no Brasil e no mundo, a promoção da igualdade e da equidade, entre homens e mulheres, em todos os setores, tem recebido ênfase, especificamente no que se refere à ocupação dos espaços públicos. No entanto, apesar da implantação de diversas políticas e de incentivos, ainda se apresentam situações díspares nos espaços ocupados pelas mulheres, além de estereótipos que configuram atributos para cada um, em especial, no campo do desenvolvimento da ciência.

Neste artigo, analisaremos as dificuldades e os obstáculos encontrados ao longo da carreira de mulheres cientistas, professoras coordenadoras de projetos e acadêmicas da pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, na área das ciências do mar, bem como situações de discriminação, "modo feminino" de fazer ciência, "cuidados" e estratégias possíveis para se tornar cientista em um ambiente majoritariamente masculino, não apropriado à sobrevivência humana sem as tecnologias atuais existentes,

como o Continente Antártico. Partimos do pressuposto que vivemos em uma sociedade patricarcal marcada por assimetrias nas relações entre homens e mulheres, conforme nos aponta a pedagogia feminista, de acordo com Cecília Sardenberg (2011).

No mundode hoje, apesar de todos os avanços no campo do feminismo, mesmo após tantas lutas, as quais datam um longo tempo, as mulheres continuam enfrentando dificuldades, na maioria dos espaços ocupados, sendo, talvez, essas adversidadesacentuadas e não tão veladas, dependendo das condições do espaço ocupado, incluindo o campo da ciência e os espaços universitários. Pode ser questionado, assim, como se realizar, pessoale profissionalmente, se as mulheres são colocadas, historicamente, em um plano inferior? Essas lutas que datam de longo tempo tiveram um marco, em 1940, quando a filósofa Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, abordou as questões que, historicamente, assolam a vida das mulheres, afirmando que estar “à margem do mundo não é posição favorável para quem quer recriá-lo. As realizações pessoais são quase impossíveis nas categorias humanas coletivamente mantidas em situação inferior”(BEAUVOIR, 2016, p. 190). E, em crítica a E. Stendhal, que afirmava que “todos os gênios nascidos mulher estão perdidos para a felicidade do público”, Beauvoir explicitou que “em verdade, ninguém nasce gênio: torna-se gênio; e a condição feminina impossibilitou até agora esse tornar-se” (BEAUVOIR, 2016, p. 190). No mesmo sentido do “*tornar-se*”, a autora nos coloca a reflexão “não se nasce mulher, torna-se mulher”, baseando-se na forma como a sociedade impõe estereótipos femininos construídos culturalmente. Ela, nesse contexto, também afirmou que: “abrem-se as fábricas, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas” (BEAUVOIR, 2016, p. 194). Assim, percebemos que, há tempo, são muitas as situações adversas enfrentadas pelas mulheres as quais, se não impossibilitam, sem dúvida, dificultam esse “*tornar-se*” gênio, mulher, cientista e, especialmente, alcançar um cenário de igualdade.

A pedagogia feminista, ao longo do tempo, enquanto campo teórico centrou suas reivindicações nas assimetrias de gênero, as quais são resultantes de estereótipos vinculados ao feminino e masculino, e que, de acordo com Tomaz Tadeu da Silva, “esses estereótipos de gênero estavam não apenas disseminados, mas eram parte integrante da formação que se dava nas próprias instituições educacionais” (SILVA, 2009, p. 92).

No meio acadêmico, as feministas buscavam espaço e valorização do seu fazer científico, tendo como pauta a igualdade na contratação de professoras e um currículo que contemplasse valores feministas, deslocando a ênfase “do acesso para o quê do acesso” e de acordo com Silva:

não se trata mais simplesmente de ganhar acesso às instituições e formas de conhecimento do patriarcado mas de transforma-las radicalmente para refletir os interesses e as experiências das mulheres. O simples acesso pode tornar as mulheres iguais aos homens – mas num mundo ainda definido pelos homens”(SILVA, 2009, p. 93).

Nesse sentido, as pedagogias feministas apontam críticas à ciência moderna, bem como às desigualdades existentes entre homens e mulheres. Tais críticas almejam demonstrar que historicamente a sociedade e a ciência moderna incorporaram, a partir de uma rede discursiva, o mito do “homem racional”, sendo essa racionalidade vinculada ao homem branco ocidental, bem como reconhecer que vivemos ainda em uma sociedade regida por uma ordem de gênero patriarcal, identificada com e centrada no gênero masculino, o que resulta em relações assimétricas e hierárquicas entre os gêneros. Uma das diretrizes apontadas por Cecília Sardenberg para concretizar as pedagogias feministas é que, entre outras iniciativas, deva-se conhecer a realidade e as experiências das mulheres (SARDENBERG, 2011). Nesse contexto, outro aspecto a ser considerado, para entendermos que o simples acesso não equaciona as desigualdades que, ainda hoje, a ciência permanece um campo que reflete uma perspectiva masculina, é conhecer as diversas parcerias que, mundialmente, vêm sendo implementadas, as quais buscam um futuro com menos assimetrias para as mulheres. Na linha dessas ações mundiais, a ONU Mulheres e o O Pacto Global das Nações Unidas (2017) estabeleceram princípios de empoderamento das mulheres, confiantes de que sua utilização, enquanto uma perspectiva de gênero, possa direcionar e intensificar esforços para que as mulheres venham ser integradas em todos níveis.

Esses princípios de empoderamento fornecem um conjunto de considerações que buscam ajudar, especialmente o setor privado, a se concentrar nos elementos-chave para a promoção da igualdade entre homens e mulheres. Conforme o Secretário Geral da ONU, o empoderamento das mulheres é questão central para a Agenda 2030 do Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2016). O Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016, do Fórum Econômico Mundial, constata que a desigualdade econômica pode levar até 170 anos, após um dramático desaceleramento no progresso. De acordo

com esse mesmo relatório, o desaceleramento, em parte, é devido a desequilíbrios crônicos em salários e à participação na força de trabalho, apesar do fato de, em 95 países, as mulheres terem frequentado universidade em número igual ou superiores aos homens (FÓRUM MUNDIAL, 2016). Além disso, segundo esse documento, existe, ainda, defasagem no que se refere a rendimentos, à produtividade e no que tange à força das vozes femininas na sociedade.

Ao longo do tempo, estudos e relatórios demonstram as assimetrias de gênero. Para o pesquisador Attico Chassot (2009), a ciência tem se apresentado como um território hegemonicamente masculino. O autor, em sua obra *A ciência é masculina? É sim, Senhora!*, acerca da quase ausência/invisibilidade das mulheres nessa área, destaca que é bastante significativo que, ainda nas primeiras décadas do século XX, a ciência se mostrasse culturalmente como uma carreira imprópria para a mulher, e que, ainda na segunda metade do século XX, fossem definidos espaços e profissões de homens e de mulheres (CHASSOT, 2009).

Compreender essa ciência, como uma construção social de determinada sociedade e espaço, possibilita-nos conhecer como as relações de gênero, a partir de relações de poder-saber, vêm produzindo conhecimentos. Importante ressaltar que há separações de áreas mais adequadas às feminilidades ou masculinidades, por conta de pressupostos básicos da ciência, tais como objetividade e neutralidade, os quais, historicamente, são considerados inerentes às masculinidades. Assim, as mulheres são mais facilmente direcionadas às áreas da saúde e do cuidado, por exemplo, uma vez que essas, de acordo com uma rede discursiva, requerem sensibilidade, que é considerada uma característica inerente às feminilidades (CHASSOT, 2009).

Inserir a categoria gênero, na produção do conhecimento, permite a complexificação da presença/ausência, ou mesmo da invisibilidade, das mulheres que fazem ciência, contribuindo para a problematização dos discursos e das relações de gênero em sua dimensão socioespacial. Para Joan Scott (1998), gênero é uma categoria historicamente determinada, usada para pensar relações sociais, sendo, particularmente, útil, porque oferece meios de distinguir “papéis” atribuídos às mulheres e aos homens. A autora ainda afirma que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1998, p. 21). Salientamos que, neste estudo, nossas entrevistadas são todas mulheres brancas, cisgêneras, de classe média e que, por esse motivo, em alguns momentos, o texto estará voltado para uma análise binária,

tratando sobre dificuldades e obstáculos encontrados por essas mulheres em relação às ações de homens, sem, contudo, aprofundar algumas interseccionalidades.

Nesse cenário de desigualdades e relações de gênero, surge o questionamento de como o conhecimento seria produzido em um espaço como o Continente Antártico, considerado local mais gelado do globo terrestre e bastante inapropriado para a sobrevivência humana, especialmente às mulheres, já que, historicamente, são consideradas mais sensíveis.

Nesse artigo, analisaremos as narrativas de mulheres cientistas com experiência no desenvolvimento de suas pesquisas no Continente Antártico, a partir da adesão do Brasil ao Tratado Antártico. A proposta do estudo se justifica a partir da caracterização daquele espaço e por ser a promoção da igualdade de gênero um dos pilares centrais da Agenda 2030 da ONU para o desenvolvimento sustentável. Outra justificativa é o fato de que, conforme afirma Stefany Simões (2016), não há estudos específicos, de que se tenha conhecimento, sobre a participação das mulheres no Programa Antártico Brasileiro, mas é possível afirmar que foi uma mulher a maior defensora da presença brasileira naquele continente nos anos 1950, 1960 e 1970, a professora Therezinha de Castro que foi autora do primeiro livro de Geopolítica Antártica escrito no Brasil, intitulado *O Rumo à Antártica*, publicado em 1976, que ainda se caracteriza como uma referência para todos/as que se interessam pelo assunto.

Questões metodológicas

O presente artigo buscou, por meio de entrevistas semiestruturadas, dar visibilidade às narrativas de oito pesquisadoras, as quais desenvolvem suas atividades no Continente Antártico, com experiências em embarques, estação e/ou acampamentos. Importante salientar que, entre elas, três são coordenadoras de projetos, e cinco são pesquisadoras alunas. Dessa forma, situaremos os conhecimentos, as falas e as experiências de acordo com os lugares ocupados por essas pesquisadoras. Nas entrevistas, buscamos, em especial, tratar sobre os obstáculos encontrados ao longo da trajetória delas, bem como visibilizar as vivências e as experiências dessas mulheres pesquisadoras, apresentando questões, tais como: *Com relação a sua vida profissional, quais os obstáculos encontrados ao longo do tempo? Há um jeito feminino de fazer ciência? Já sentiu discriminação por ser mulher? De que tipo? Existem cuidados diferentes por parte dos colegas, por se tratar de mulher?* O roteiro foi composto de vinte e uma questões, as quais buscavam problematizar o ser mulher e ser cientista no

espaço de estudo, refletindo também sobre os impactos das redes discursivas nas carreiras científicas e na condição feminina. As questões apresentadas, nas entrevistas, foram validadas por duas especialistas a fim de garantir sua adequação aos objetivos da investigação e para que houvesse coerência estrutural e funcional do roteiro da entrevista (GALL; GALL; BORG, 1996). As pesquisadoras são apresentadas pela ordem das entrevistas, sendo designadas como PC1, PC2, PC3, para pesquisadoras coordenadoras, e PA1, PA2, PA3, PA4 e PA5, para pesquisadoras alunas, em nível de mestrado e doutorado. A escolha das participantes pesquisadoras coordenadoras, deu-se a partir de listas de e-mails, obtidas junto à Estação de Apoio Antártico da Universidade Federal do Rio Grande – ESANTAR e junto à Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar – SECIRM. É importante ressaltar que foram encaminhados em torno de vinte e cinco e-mails, para os quais obtivemos retornos positivos, retornos com negativa de possibilidade de participar no momento ou, até mesmo, silenciamento com referência à participação no estudo. Já as pesquisadoras alunas foram escolhidas a partir de indicação das participantes coordenadoras e/ou alunas. As pesquisadoras coordenadoras estão na faixa etária entre cinquenta e sessenta anos, são brancas, cisgêneras, as três são casadas, duas delas possuem filhos(as) e uma sem filhos(as). As pesquisadoras alunas estão na faixa etária entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, são também brancas, cisgêneras, solteiras ou com companheiro e sem filhos(as). As pesquisadoras são graduadas em Oceanografia ou Biologia, e todas atuam na área de ciências do mar. Observar a diferença geracional, entre as entrevistadas, foi fundamental para as análises, pois são visíveis as diferentes construções históricas culturais entre elas, na forma de percepção das experiências vivenciadas. Ressaltamos que, nesse estudo, não cabe a busca de “verdades” mas sim a reflexão sobre as redes discursivas que interpelam e que constituem as narrativas dos sujeitos em cada momento histórico. Segundo Sandra Corazza (2002), realizar a prática da pesquisa traz consigo uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, sempre interpelada pela formação histórica em que foi constituída. Buscar compreender as narrativas dessas mulheres pesquisadoras é uma tarefa complexa, já que, de um lado, está a pessoa que busca, em sua memória e em seus sentimentos, respostas para algumas perguntas que talvez, em nenhum outro momento, tenha pensado sobre aquele assunto e/ou refletido acerca dele da forma como está sendo colocado; do outro lado, encontra-se o/a pesquisador/a, com suas dúvidas, certezas e incertezas, ouvindo o que é dito, tentando compreender o lugar de quem está narrando. Dessa forma, essas narrativas e interpretações configuram-se

como reflexos da “formação histórica que marca o lugar discursivo de onde saímos, de onde falamos e pensamos, também de onde somos faladas e/ou pensadas, de onde descrevemos e classificamos a(s) realidade(s)” (CORAZZA, 2002, p. 124).

A autora Sandra Corazza assinala, ainda, que “uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, suscitando acontecimentos, dizendo respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os e como entramos no jogo de saberes” (CORAZZA, 2002). A pesquisa, por meio das entrevistas, permite interpretar, mesmo que de forma provisória ou parcial, a partir das falas das entrevistadas, situações vivenciadas, nas quais os discursos buscam (con)formar o lugar a ser ocupado por essas mulheres e as atividades que poderão ser realizadas por elas.

Para a análise das narrativas produzidas a partir das metodologias de produção dos dados realizadas neste estudo, estabelecemos aproximações com algumas ferramentas da Análise do Discurso proposta por Michel Foucault. Neste sentido, a partir desta metodologia de análise, problematizamos alguns enunciados que emergiram, em decorrência de uma rede discursiva, a qual vincula traços considerados inerentes às feminilidades/masculinidades, sendo esses considerados obstáculos para a permanência e para a produção do fazer científico, tais como: “ser mulher, ser cientista é simplesmente um obstáculo atrás do outro”; a “ciência feminina” *versus* a “ciência bruta montes” e as mulheres foram criadas para serem perfeitas e os homens aventureiros.

Nesse viés, é importante apresentarmos entendimento de discurso em uma perspectiva foucaultiana como sendo um conjunto de enunciados que fazem parte de uma mesma formação discursiva. Considerando ainda, que para Foucault,

[...não há] enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências. (FOUCAULT, 2014, p.114)

Assim, para Foucault (2014), um enunciado está sempre apoiado em outro e cada formação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de relações, permeada pelos jogos de poder existentes. Com isso, na Análise do Discurso não se pretende interpretar o que foi dito ou está nas entrelinhas dos atos enunciativos, mas com esse arcabouço, pretendemos apresentar os excertos das narrativas das mulheres, analisadas à

luz do pensamento foucaultiano, buscando colocar em xeque as redes discursivas sobre os atributos vinculados às feminilidades e refletindo o quanto a produção de “regimes de verdade” impacta as relações de gênero em um espaço majoritariamente masculino, considerando que para o filósofo francês Michel Foucault os “discursos de verdade” em determinadas sociedades, constituem relações de poder e que:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (FOUCAULT, 2014, p.12)

Dessa forma, os excertos das narrativas são emblemáticos, considerando que temos pesquisadoras coordenadoras e pesquisadoras alunas. Portanto, elas trazem à reflexão, a obra de Michel Foucault “A Ordem dos Discursos”, em que o autor afirma que, para os discursos, são impostas regras de interdição:

Nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala (FOUCAULT, 2014, p. 35).

Nesse sentido, refletir sobre as interdições dos referidos discursos, de pesquisadoras coordenadoras e de pesquisadoras alunas, é fundamental, uma vez que, a partir das experiências vivenciadas e dos lugares ocupados, uma rede discursiva é construída e produz “verdades”, sendo essas “verdades” resultados da experiência de cada sujeito, considerando as relações de poder-saber instituídas em determinados contextos sociais. Para Foucault, as verdades são marcadas pela posição em que o sujeito está inserido, e essa verdade não existe fora do poder ou sem ele, sendo que cada grupo social terá a sua produção de verdade, a partir do contexto histórico em que ela foi produzida, acentuando, assim, o vínculo do discurso com as redes de poder-saber. (FOUCAULT, 2014). Na concepção de Paula Henning, essa rede discursiva, construída historicamente, assume a “posição de legitimidade”. (HENNING, 2008, p. 113). Assim, analisar as narrativas das pesquisadoras torna-se extremamente instigador, pois retrata o momento histórico e o lugar ocupado por essas mulheres, buscando compreender e

visibilizar as experiências vivenciadas em ser mulher e tornar-se cientista nas diferentes relações sociais instituídas no Continente Antártico.

“Ser mulher, Ser Cientista é simplesmente um obstáculo atrás do outro”

Ao analisar o que as pesquisadoras narram, é possível perceber o quanto as assimetrias de gênero estão presentes, uma vez que as narrativas remetem a dificuldades e a obstáculos enfrentados, tais como discriminações intelectuais, além de atributos vinculados à materialidade biológica, fazendo-nos refletir que essa é uma história hierarquizada, em que os gêneros assumem valores diferentes, e a masculinidade aparece sempre como superior às feminilidades, tendo, como fundo, as relações de poder (COLLING, 2014). Nesse cenário, o conceito de gênero assume relevância, no sentido de nos auxiliar a identificar a produção de assimetrias nos mais diversos espaços, especialmente no desenvolvimento da ciência. Conforme a historiadora Ana Colling, falar de gênero, ao invés de falar em sexo, remete ao fato de que as situações vivenciadas hoje pelas mulheres não estão determinadas pela biologia ou pelo sexo, mas resultam de uma construção, de uma invenção social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção cultural que faz parte do regime de emergências dos discursos que configuram sujeitos (COLLING, 2014).

Nesse sentido de construção social e de relação de poder-saber, Michel Foucault, problematiza a produção das redes discursivas, bem como a legitimação dessas. Para o autor, nas relações sociais,

os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 2015, p. 110).

Esse poder, conforme Foucault (2015) deve ser pensado não como uma propriedade, como um bem que alguém possui e que pode ser cedido a outra pessoa, mas sim a partir do caráter relacional entre os termos que o compõem. Essas relações de forças atuam como ações de uns sobre outros. Ainda, a relação de forças está alicerçada

em uma constituição histórica e cultural. Portanto, faz-se necessária uma análise histórica, presente no momento em que a situação está inserida, bem como as lutas que permeiam todas as relações de poder. Com base nesse aporte teórico de Michel Foucault (2015), é instigante pensar sobre como se tornar cientista ou acerca de como se afirmar nesse ambiente, em que relações de gênero e, portanto, relações de poder, estão estabelecidas. É de se imaginar que não seja algo que possa ser realizado sem esforço, sendo compreensível a fala de uma das pesquisadoras quando afirma que: “ser mulher é simplesmente um obstáculo atrás do outro”(PA5), como se evidencia nos excertos seguintes, mesmo levando-se em conta todos os esforços das mulheres para serem reconhecidas como profissionais:

Então eu acho que ser mulher na área das ciências do mar é difícil, porque existem obstáculos de toda natureza, existem os obstáculos dos teus colegas, que por algum motivo te discriminam na parte intelectual, a questão dos atributos físicos, peso e força, é muito frequente! ... é simplesmente um obstáculo atrás do outro, e que não existe qualquer justificativa, talvez vão te trazer uma justificativa biológica, que não tem sentido nenhum, daí tem um que vai te trazer uma justificativa de idade, na verdade que a maioria das pessoas vai preferir não falar nesse assunto ou vão dizer que tu estás te vitimizando, por ser profissionalmente inferior a outra pessoa, então tu estás criando caso. (PA5). (grifo meu)

Eu estava pensando aqui, eu acho que como mulher, eu também senti alguma dificuldade, para me inserir em uma saída de campo. Aqui no trabalho, por exemplo, eles são bastante machistas, então, ou acha que você não vai conseguir fazer o trabalho, ou acha que você vai ter mais dificuldade, ou acha que a mulher, as vezes, vai ser um problema para outros homens que vão estar, enfim, que vai precisar de um cuidado maior, e eu vejo que na Antártica tem muito isso. (PA2)

Nesses excertos de narrativas, as pesquisadoras apresentam situações de exclusão e de discriminações vivenciadas por elas. Segundo suas falas, são atribuídas justificativas para essas situações, desde uma possível inferioridade intelectual, possivelmente por conta de atributos psicológicos ou até em decorrência de alguma característica física. De acordo com Londa Schiebinger (2001), por ser a ciência “um produto de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdos da ciência”(SCHIEBINGER, 2001, p. 37). Dessa forma, é compreensível o sentimento das pesquisadoras quando se referem a obstáculos e a dificuldades, pois “não se espera que essas trajetórias possam ser percorridas em um sistema que ainda encontra-se estruturado para excluí-las” (SCHIEBINGER, 2001, p. 37).

Um outro enunciado que emerge, nas narrativas das pesquisadoras, especialmente no caso das pesquisadoras alunas, refere-se à maternidade, mencionada como um obstáculo na carreira. Ressalta-se que esse continua sendo um aspecto que inquieta as pesquisadoras, já que percebem que, de alguma forma, precisarão fazer escolhas. E essas escolhas, talvez, não façam parte do universo masculino quando os homens entendem que desejarão ter filhos/as, ou seja, esse aspecto é relevante de ser problematizado, pois, conforme o entendimento das pesquisadoras, pode representar um obstáculo para a continuidade da produção científica entre as mulheres, apesar do avanço e da histórica luta do feminismo para ampliar os espaços femininos no mundo público. Com efeito, a maternidade pode se configurar como um filtro para essas mulheres avançarem em suas carreiras, sejam elas científicas ou não. Entre as entrevistadas, duas possuem filhos/as, sendo que uma delas atribuiu a questão de ter apenas um a seu ritmo do trabalho, como mostram as suas próprias palavras abaixo:

(...) não foi planejado a questão de ficar com uma só, acho que foi mais a dificuldade que tivemos dos dois trabalhando, os dois muito envolvidos com a questão profissional, não que eu ache que tenha sido a melhor coisa, mas depois é que vais pensar nisso. (PC2).

As pesquisadoras que não têm filhos(as) e estão entre os 25 e 35 anos mencionaram esse aspecto como muito preocupante, no sentido de como lidarão com a escolha de não ter filhos/as nessa fase da vida, ou as consequências na carreira se optarem por os/as ter, como explica PA3:

*(...) a maioria das mulheres termina desistindo nessa fase que eu estou agora, por exemplo, eu estou com trinta anos, uma das coisas que eu converso sobre dificuldades na carreira, se eu quiser ter filhos, por ex., vai ter que ser por agora, e todos nós sabemos que um ano fora por conta da maternidade... **um ano sem produção acadêmica te tira do mercado em muitas mulheres acaba parando por aí mesmo**, então o fato de não ter tantas mulheres líderes, não é só questão da geração, é muito por conta do funil mesmo. (...) tem muitas mulheres que conseguem ter filhos e manter a carreira, mas querendo ou não isso dificulta, porque talvez nem todas sejam capazes de levar os dois. Eu, por ex., acho que eu não seria, **então tu termina tendo que fazer escolhas.** (PA3) (grifo meu)*

O considerado “tempo do relógio biológico” e da carreira acadêmica coincidem. Assim, permanece, no horizonte das pesquisadoras, essa preocupação com a maternidade e o necessário afastamento, assumindo relevância quando pensamos no tempo da ciência, porque, nessa área, os avanços são muito rápidos, e as mulheres que se afastam da ciência, por conta da maternidade, precisarão fazer um esforço

significativo, no retorno, para se reciclarem e se re-actualizarem. Dependendo da área, considera-se que poderão ser gerados muitos prejuízos.

Para além disso, precisamos refletir sobre a escolha que emerge nas falas, no sentido de se precisar decidir entre a carreira científica ou a maternidade, impondo dilemas internos a essas pesquisadoras. De acordo com Silvana Maria Bitencourt, “as mulheres cientistas não participaram do processo que envolveu a institucionalização da ciência, conseqüentemente, sofreram sérios prejuízos relativos à forma como foi estruturada a instituição científica” (BITENCOURT, 2013, p. 23) Conforme a autora refere na mesma obra, em 2009, por ocasião do segundo Encontro de Núcleos e Grupos de Pesquisas, foi sugerido, às agências de fomento, que incorporassem a perspectiva gênero, no sentido de compensarem assimetrias históricas, por meio do reconhecimento do direito às licenças-maternidade e paternidade às(aos) mestrandas(os) e doutorandas(os). Com isso, foi enfatizada, também, a importância da figura paterna na criação do recém-nascido. As pós-graduandas, em novembro de dois mil e dez, conquistaram o direito à licença-maternidade de quatro meses. Contudo, apesar do importante avanço, a questão da maternidade continua tendo um peso significativo na vida das acadêmicas. Ressalta-se, nesse cenário, uma fala, em 2005, do Reitor da Universidade de Harvard, Lawrence Summers, a qual repercutiu internacionalmente. Nessa, ele afirmou que as mulheres, por conta da maternidade, não teriam aptidão para as ciências exatas, pois cientistas mães estariam limitadas de participarem de reuniões em finais de semana, já que estariam ocupadas com os cuidados dos filhos pequenos (BITENCOURT, 2013).

Por conta desse tipo de preconceito, surgiu, no Brasil, em 2017, o Projeto *Parent in Science*, com o objetivo dimensionar o impacto da maternidade na carreira científica e de problematizar essas questões vivenciadas por cientistas mães, que vêem o tempo dedicado aos filhos não ser considerado quando elas apresentam uma baixa em sua produção científica, além de terem dificuldade de acesso a financiamentos após a maternidade. Conforme apontam estudos realizados pelo referido projeto, o número de mulheres diminuí nos níveis mais altos da carreira, podendo ser a maternidade determinante para esse aspecto observado, entre outros preconceitos/discriminações que surgem ao longo da trajetória acadêmica/científica das mulheres.

Para Betina Stafanello Lima (2008), estudiosa sobre a ascensão das mulheres nas carreiras científicas, o considerado “teto de vidro”, que caracterizam barreiras não-formais que impedem a ascensão na carreira, seria apenas uma consequência do que ela

propõe como “labirinto de cristal”, ao se referir aos diversos obstáculos enfrentados pelas mulheres, os quais produzem uma trajetória mais tortuosa, impactando no ritmo e nas posições alcançadas em termos de carreira científica (BETINA, 2008, p. 120). Importante ressaltar que esses obstáculos se constituem, a partir de uma rede discursiva produzida histórica e culturalmente e de acordo com a historiadora Ana Colling, ao se admitir o caráter de construção que a história possui, aí incluindo os “papéis” que buscam conformar as masculinidades e feminilidades na sociedade, “é possível criar o que Michel Foucault chamou de *fraturas do presente*, que significa que se algo não foi sempre assim, é passível de mudança e nada determina que assim se conserve” (COLLING, 2014, p. 22). Assim, se reconhecermos que os obstáculos apresentados fazem parte dessa construção histórica e cultural, mudanças podem ser propostas, as quais levem em conta as desigualdades de gênero e a forma como a sociedade está estruturada, alterando, desse modo, o cenário apresentado em termos de carreira científica para as mulheres cientistas.

A “ciência feminina” versus a “ciência bruta montes”

Eu acredito que a forma de fazer ciência é uma só, mas a maneira como a gente se posiciona ao fazer ciência varia muito entre homens e mulheres e acho que a visão também, a forma como a gente se aproxima e se relaciona com as pessoas é diferente. (...) ...mas existe uma certa maneira maternalista... (...) (PC1) (grifo meu)

Na narrativa anterior, o termo maternalista atrai uma atenção especial, uma vez que não se refere à forma de fazer ciência, mas talvez traga consigo um pouco da construção histórica que acompanha as mulheres, pois a pesquisadora entende que a forma de fazer ciência é uma só, porém essa afirmação acompanha a reflexão dela, ou seja, a maneira maternalista, atributo baseado em fundamentações biológicas, no sentido mais de tratamento com as outras pessoas do que no ato em si de fazer ciência. Uma outra pesquisadora explícita, em sua fala, “eu cheguei à conclusão que não, eu cheguei à conclusão que é mais forte a índole pessoal e a experiência pessoal no modo que a pessoa vai fazer ciência que do gênero” (PC2). Portanto, as entrevistadas entendem que não há uma forma feminina de fazer ciência, existem diferenças entre as pessoas, e isso não estaria vinculado ao gênero.

Mas, ao mesmo tempo, é mencionada, em algumas falas, a questão de algumas características ditas femininas “Ah...tem... tem que ter charme, beleza, sem deixar a responsabilidade de lado!”. Muito interessante refletir sobre esses atributos, pois às

mulheres das ciências do mar é atribuído um estereótipo de que não seriam tão ligadas às questões beleza, conforme o que nos apresenta uma outra pesquisadora: “as meninas e mulheres que eu conheço que trabalham bastante com a oceanografia, que praticam mesmo, a tendência é não se preocupar muito com essa parte que envolve maiores arrumações, principalmente quando estão no trabalho”(PC2). Todavia, neste artigo, não há a intenção de comparar ou dizer que uma ou outra esteja com a verdade, mas sim objetivamos pensar em quanto essas construções sociais atravessam as duas falas, no sentido de o charme e a beleza serem consideradas características necessárias ao ser mulher ou de haver a necessidade de não possuir os mesmos atributos, para ser cientista, em uma ciência considerada mais exata, mais bruta.

Schiebinger (2001) defende que essas questões datam de longo tempo. Conforme afirma a lenda, Novella d'Andrea, que substituiu seu falecido pai como professora de direito canônico na Universidade de Bolonha no século XIV, para não distrair seus alunos homens, dava aulas por detrás de uma cortina, escondendo, assim, a sua beleza (SCHIEBINGER, 2001). E, ao que parece, esse aspecto continua sendo uma preocupação das mulheres cientistas, segundo declara a seguinte pesquisadora aluna:

Eu hoje, por exemplo, estou super arrumada, porque iríamos ter essa conversa, porque diariamente eu uso calça de moleton, eu não me incomodo com isso, mas lá também eu evito, eu acho que já temos bastante problemas, eles já chegam sozinhos, não precisamos aumentar (PA1).

Existe, desse modo, uma preocupação com a prática de forjar uma masculinidade para entrar nesse mundo da ciência, o qual, culturalmente, é marcado pela presença do homem, sob pena de a mulher não ser aceita ou de atrair mais problemas, os quais, segundo a pesquisadora, já não seriam poucos. E, nesse sentido, outroparticipante do estudo expressa o seu sentimento acerca de como a mulher é observada em seu ambiente de trabalho: “a forma como te vêem, não é como profissional ali trabalhando, mas é te vendo como mulher. Eu vi isso acontecer muitas vezes e senti isso também. Então, na verdade existe uma discriminação”. A mesma pesquisadora, ainda, deixa claro que “tem um pouco da questão cultural”(PA2), refletindo sobre a construção cultural que ainda, nos dias de hoje, é observada nos mais diversos espaços que a mulher ocupa.

A partir dessas diversas situações vivenciadas pelas mulheres, uma das pesquisadoras declarou que temos o que ela chama de ciência *bruta montes* versus a

“ciência feminina”, referindo-se àquela pessoa (homens) que pensa que as mulheres, por conta de capacidade física, não deveriam estar ali, como explica em seguida:

Que é o que eu chamo de ciência bruta montes, que é aquela pessoa que acha que porque consegue carregar a caixa na mão, entende que eu não posso estar ali e fazer o mesmo serviço, utilizando o carrinho, e por isso eu não mereceria estar ali disputando aquele espaço. (PA5)

Ao longo do tempo, o androcêntrismo das ciências tem trazido consequências às feminilidades, colocando-as em um lugar de desvantagem e de forma inferiorizada, excluindo-as do processo de investigação e menosprezando os estilos ditos femininos. Refletindo sobre a ciência, Pierre Bourdieu pontua que:

A ciência de uma forma de dominação – nesse caso a dominação masculina – pode ter por efeito reforçar a dominação principalmente na medida em que os dominantes podem utilizá-la para ‘racionalizar’ de algum modo os mecanismos aptos a perpetuar a dominação (BOURDIEU, 1995, p. 174).

O autor, na mesma obra, também reflete a respeito das emoções corporais apresentadas pelas mulheres em situações públicas ou na presença de homens, ele pensa se essas emoções não seriam formas de reconhecimento antecipado do preconceito ao julgamento dominante, assumindo, por vezes, essa inferioridade porque também são interpeladas por esse discurso que permeia uma sociedade androcêntrica. Com base em um estudo, Bourdieu (2019) afirma: “observa-se assim, de modo geral que as mulheres tendem menos do que os homens a se atribuir as competências legítimas” (p. 70), ou seja, muitas vezes, as mulheres, por conta dessa construção histórica e cultural, terão a tendência a naturalizar, a assumir e/ou, talvez, a aceitar esse lugar de inferioridade e/ou de incapacidade.

A bióloga feminista Evelin Fox Keller (1991), em seus estudos de crítica feminista à ciência, procura entender a gênese da divisão emocional e intelectual do trabalho, em sua própria geração, indicando que:

El tema más inmediato para una perspectiva feminista de las ciencias naturales es la mitología popular, profundamente enraizada, que sitúa la objetividad, la razón y la mente como si fuera una cosa masculina y la subjetividad, el sentimiento y la naturaleza como si fuera una cosa femenina (KELLER, 1991, p. 15).

Percebemos que esses estereótipos que buscam conformar lugares permanecem e refletem as narrativas de algumas das entrevistadas nas relações de gênero estabelecidas no espaço em que desenvolvem suas pesquisas. Em decorrência disso, precisamos buscar entender as construções culturais que constituem esses sujeitos cientistas, tendo em vista que a sociedade, a partir de atributos tidos como masculinos ou femininos, acentua as assimetrias de gênero. E, conforme explicado por Keller, “não se trata de transformar a ciência em mais subjetiva ou ‘feminina’, mas ao contrário, fazê-la mais verdadeiramente objetiva e necessariamente independente do gênero” (KELLER, 2006, p. 15).

As mulheres foram criadas para serem perfeitas e os homens aventureiros

A gente tem um pouco disso de criar as mulheres para fazerem as coisas certas, para serem perfeitas e fazer tudo correto, enquanto os homens, os meninos, são mais assim, aventureiros. (PA3)

Margareth Lopes(1998)aborda esse tema no artigo *Aventureiras nas Ciências: Refletindo sobre gênero e história das Ciências naturais no Brasil*. Segundo ela: “aos homens que enfrentaram as agruras do campo em prol da ciência confere-se o atributo de herói, às mulheres quando muito de aventureiras” (LOPES, 1998, p. 367), sendo que esse atributo de aventureira, quando relacionado às mulheres, denota um sentido negativo, diferentemente de quando atribuído aos homens, já que traz consigo um sentido de coragem e de desbravamento, características inerentes às masculinidades. A narrativa da pesquisadora aponta para a necessidade de se mostrar com capacidade para as diversas atividades, acentuando que as mulheres não são estimuladas a arriscarem-se. Logo, existiria um preconceito velado, disfarçado de “cuidado” para as atividades que são exigidas em um espaço desfavorável à sobrevivência humana.

De acordo com Schiebinger (2001), estudos apontam que, desde muito cedo, meninos e meninas são direcionados para determinados tipos de estudos e de brinquedos, sendo comum, nas mais tenras idades, ao serem questionadas, meninas se perceberem nas profissões de enfermeiras ou de professoras, e meninos desejarem se tornarem bombeiros, policiais ou médicos. Sociólogos, a partir de vídeos realizados, perceberam que educadores/as, sem notarem, dão mais liberdade para os meninos descobrirem soluções alternativas, enquanto estimulam as meninas a seguirem estritamente as regras. Desse modo, como produto dessa construção cultural, é possível

apreender que muitas mulheres naturalizam determinadas situações que buscam (con)formar os lugares que poderão ser ou não ocupados pelas cientistas, sejam essas situações apresentadas de forma velada ou outras nem tanto, com o intuito de demonstrar que talvez aquele não fosse um lugar apropriado para mulheres. Apesar dessa naturalização, as falas se repetem no sentido de ter sido percebido a mulher sendo tratada como “mais frágil”, “menos capaz”, sendo essa capacidade, ou a falta dela, notada tanto no aspecto físico quanto no intelectual.

Quando pensamos em coordenadoras e alunas, as visões se diferenciam, em determinados aspectos, sempre que questionadas sobre cuidados e a respeito de discriminações.

Certamente! Quando se trata de atividades muito pesadas ou equipamentos de utilização muito complicada, há sempre um cuidado maior de auxiliar ou ser prestativo, por parte do contingente masculino. Fora destes casos, não há privilégios declarado. (PC2)

(...) tanto pesquisadores como tripulação pensam às vezes... ah... será que ela vai conseguir fazer?... ou não era melhor eu fazer?, digamos um homem falando, mas até que eu acho que é pouco, a experiência que eu tenho, porque a gente sabe que é um ambiente super masculino, mas pontualmente, o que vivi foi ah.. mas tu achas que vais conseguir fazer isso? Ah...tu és mulher, tu não vais conseguir fazer! (PA4)

Com base nessas narrativas, verificamos o papel das relações de gênero, instauradas culturalmente, a partir de relações de poder, as quais condicionam, ao gênero, determinados “papéis”, conformando a maneira como homens e como mulheres se colocam nos mais diversos espaços. Tais “papéis” são construídos a partir de uma caracterização biológica, a qual serve para a manutenção do *status quo* das assimetrias de gênero, estabelecendo respectivos comportamentos culturalmente cultivados. Schiebinger, ao discutir o feminismo nas ciências, alerta que:

O gênero no estilo de ciência é significativo, porque a longa exclusão legal das mulheres das instituições científicas foi escorada por um elaborado código de comportamentos e atividades, tão apropriadamente masculinos e femininos. Suposições absurdas que cercam a questão do gênero na ciência ajudam noções absurdas não formuladas sobre quem é cientista e do que trata a ciência e como essas noções historicamente colidiram com expectativas sobre as mulheres (SCHIEBINGER, 2001, p. 141).

Portanto, as normas regulatórias de gênero servem para posicionar homens e mulheres, bem como para conformar e atribuir determinados “papéis”, hierarquizando

essa relação. Isso ocorre, em especial, no que se refere às condições físicas ou/e até intelectuais, ou seja, as mulheres, a todo momento, precisam estar provando a sua capacidade de estar ocupando aquele determinado espaço.

(...) eu tenho essa constante necessidade de provar para todos que eu tenho valor, que eu estou ali porque eu sei alguma coisa, que eu tenho condições de contribuir e que eu fiz e que eu posso fazer, essa necessidade de estar sempre provando. (PA3)

Tem muito dessa questão da mulher se sentir capaz, principalmente em uma área técnica. Se eu estou fora do campo, eu estou no computador, estou fazendo programação que é uma coisa que não é tão comum. Eu até acho que hoje em dia é, mas ainda não é visto como alguma coisa tão feminina". (PA3)

Nessas narrativas, é possível observar que as mulheres sentem que são postas à prova a todo momento, já que aquele não seria um espaço adequado à sua constituição nem ao seu caráter. É preciso salientar, ainda, que as mulheres que ocupam esse espaço, como já mencionamos, são mulheres brancas, de classe média, cisgêneras, algumas em posição hierárquica de poder e, mesmo assim, enfrentam as mais diversas dificuldades advindas das relações de gênero, pelas suas presenças em um lugar inóspito, o qual requer, para sobrevivência, uma adaptação física e psicológica diferenciada. Além disso, as pesquisas realizadas, nesse lugar, não seriam áreas reconhecidas ou apropriadas para a atuação de mulheres.

O cuidado, por sua vez, considerado um tanto exacerbado, é vinculado ao histórico de quem coordena os trabalhos pela questão cultural, de quem busca tratar a mulher sempre com muita cortesia, “a mulher é considerada um bibelô” (PC2), mas também é vinculado às questões históricas da humanidade, que, em função de diversos discursos, sempre colocou a mulher como um ser inferior, “existe um maior cuidado porque os responsáveis consideram a mulher mais frágil” (PC1).

Notamos que as falas das coordenadoras retratam o que poderia ser considerado um tratamento cortês e cultural. Assim, apesar de esse cuidado colocar a mulher em uma situação de fragilidade, a pesquisadora coordenadora, na sua linha de entendimento, não considera que seria algo negativo ou algum tipo de discriminação, como explica:

(...) então eu vejo esse tipo de comportamento, esse cuidado como reflexo de vários anos de convivência e de doutrina, de cuidado não por ser mulher em termos de feminismo, mas por uma questão de educação, da mesma forma que muitas pessoas abrem a porta do carro na hora de entrar ou se abre a

porta em um restaurante, isso mais por uma questão de educação do que de discriminação ou por tratamento diferenciado, em sentido negativo, eu pelo menos não vejo assim. (PC1)

Na narrativa das pesquisadoras alunas, apesar de compreenderem que faz parte de questões históricas e culturais, é perceptível que também entendem que o aspecto “cuidado” pode se configurar ou adquirir uma outra configuração, como se observa nos excertos seguintes:

Tem, eu entendo que tem! Depois que eu convenci o meu orientador que eu poderia fazer algumas coisas, ele dizia, tá mas você sente muito frio, você tem certeza que quer se voluntariar para fazer tal coisa, você não precisa, eles podem ir, porque em algumas atividades você precisa ficar até duas horas no frio, em um local aberto, então eu acho que tem um cuidado bem diferente. Eles não têm cuidados com os meninos, os meninos querem ir fazer alguma atividade, eles vão e fazem, nós é, está bem, você consegue, mas você tem certeza que quer ir. (PA1)

Eu acho que todo tratamento diferente que eu recebi, não se configura como cuidado, é preconceito mesmo, não foi por minha segurança. (PA5)

Logo, as pesquisadoras alunas entendem que o cuidado dispensado às mulheres é maior e pensam que esse tratamento dado a elas pode se configurar mais com o que poderia ser considerado preconceito, porque tal cuidado seria uma forma velada de dizer que não pertencem àquele lugar, que nele precisam de pessoas mais despojadas e que não requeiram tantos cuidados.

Nos enunciados de algumas participantes do estudo, emerge o aspecto da hierarquização, ou seja, ocupar determinados lugares estabelece relações de poder diferenciadas. Suas falas refletem que as situações vivenciadas, por pesquisadoras coordenadoras e pesquisadoras alunas, retratam tratamentos diferenciados, e isso passa a ser compreensível, tratando-se de nossa sociedade moderna, em que postos ocupados hierarquicamente são cada vez mais valorizados. Acrescenta-se a isso, a cultura militar, já que o Programa Antártico é coordenado pela SECIRM, uma Secretaria Interministerial vinculada à Marinha do Brasil. As pesquisadoras que coordenam projetos afirmam não ter percebido situações discriminatórias com elas, mas narram que já ouviram e/ou perceberam ocorrências com as pesquisadoras alunas, como mostram os excertos das entrevistas abaixo:

Não sinto isso, eu vejo assim, eles têm com as mulheres um pouco mais de cuidado, quer dizer a geração antiga, a nova não precisa fazer força, nós já carregamos aquelas marfinites, então nesse ponto existe o cuidado, nesse

sentido, mas eu agora não tenho visto muito isso não. A caixa todo mundo vai carregar. (PC3)

Discriminação diretamente não, ao contrário o que eu vejo é que quando nós gurias ou mulheres, precisamos utilizar algum equipamento muito pesado, eles auxiliam muito mais que aos gurus”. (PC2)

Sim, na verdade, eu acho que o ambiente, é um ambiente que tem muitos homens, que estão ali isolados, eu vi e eu senti isso, que quando chega um grupo de mulheres... Bem, eles são gentis, não fazem por falta de educação, mas é uma invasão muito grande, como mulher e não como profissional. A forma como te vê, não como profissional ali trabalhando, mas é te vendo como mulher. Eu vi isso acontecer muitas vezes e senti isso também. Então, na verdade existe uma discriminação, mas é uma discriminação que te privilegia como mulher e não como profissional. (PA2)

Estar em uma relação de coordenadoria de projetos situa essas mulheres em outro lugar, em que situações de sexismo ou de discriminações, talvez, não ocorram pelas relações de poder ali estabelecidas. Por outro lado, chegar a esse local apenas como alunas da pós-graduação coloca essas mulheres em outro lugar, em que situações são narradas de forma a discordar e se mostrarem resistentes a determinadas situações. Elas chegam a afirmar que o esforço para demonstrarem suas capacidades precisa ser muito maior, a fim de receberem um tratamento mais igualitário. Acrescenta-se, na análise, o aspecto diferença geracional, pois situações, antes naturalizadas, hoje estão sendo mais problematizadas pelas mulheres mais jovens, como referiu PA5:

É exigido uma autoafirmação o tempo inteiro e fazendo um trabalho extraordinário para receber o tratamento que recebe um homem medíocre. Isso eu acho um absurdo, e acontece frequentemente, dentro da sala de aula, dentro do laboratório, em uma saída de campo, tu precisas te esforçar muito para receber o mesmo tratamento, que qualquer homem recebe. (PA5)

As pesquisadoras alunas narram que situações desconfortáveis, referentes à possíveis discriminações, não são raras, e uma delas desabafa explicitando que “eu acho que pra mim, nós somos diferentes, existem diferenças, o problema é que as características femininas são vistas sempre de forma negativa”.(PA3). Conforme Lourdes Bandeira:

A crítica feminista, ao disseminar o conceito de gênero como um *conhecimento situado*, constituído nas relações históricas e sociais, nas relações desiguais de poder em que estiveram implicados mulheres e homens, oferece um novo olhar sobre a realidade, possibilitando localizar as distinções entre características consideradas masculinas e femininas presentes no cerne das hierarquias do mundo social e do conhecimento (BANDEIRA, 2008, p. 222).

Importante resgatar que essa mudança cultural, na postura das pesquisadoras mais jovens, pode estar alicerçada na contribuição da crítica feminista à ciência, que tem colocado em suspeição pressupostos historicamente construídos, no sentido de atribuir características femininas ou masculinas para o fazer científico, assim como nas diversas políticas implantadas mundialmente, no sentido do empoderamento feminino, o que, sem dúvida, contribui para um posicionamento mais crítico desse grupo específico de pesquisadoras. Nesse sentido, há de se pensar o quão arraigadas ainda temos heranças culturais que cultuam atributos às masculinidades superiores às características relacionadas às feminilidades. É preciso refletir sobre o quanto ainda vivemos em uma sociedade patriarcal, que coloca as mulheres sempre em um lugar menos valorizado, em um segundo plano, mesmo com as mais variadas “desculpas”, devido às características físicas e emocionais. Além disso, devemos pensar sobre o quanto esse discurso, construído cultural e historicamente, interpela-nos e produz desigualdades e assimetrias de gênero, em diversos campos, incluindo o desenvolvimento da ciência. É notório que, apesar dos inúmeros avanços, esse tema ainda se constitui extremamente atual, já que a ausência/invisibilidade das mulheres, em áreas consideradas masculinas, é, ainda, perceptível, bem como situações veladas de discriminações ocorrem. Também, outro questionamento a ser feito é como se tornar cientista em um mundo que, ainda nos dias de hoje, comporta-se dessa maneira, em que mulheres, em diversos espaços, são silenciadas e, frequentemente, desconsideradas e/ou inferiorizadas.

As pesquisadoras apresentam, em suas narrativas, situações de obstáculos e de dificuldades que vivenciam e, por vezes, encontram, até mesmo, dificuldade de identificar se realmente tais situações configuram aspectos de preconceitos velados ou se são “cuidados”. A presença das mulheres, em um lugar inóspito, dito não adequado à presença humana, quiçá mulheres que sempre são vistas como “inferiores ou frágeis”, pode ser considerado um ponto de resistência às relações de poder estabelecidas. Nesse viés, é necessário pensar sobre as dificuldades enfrentadas e a respeito das estratégias de possibilidades nas relações de poder estabelecidas nas relações de gênero, aprofundando estudos e promovendo discussões sobre a crítica feminista à ciência.

Considerações Finais

Com essas análises, não pretendemos esgotar o campo de estudo, mas sim contribuir para um pensamento reflexivo sobre a temática, sem, contudo, produzir “verdades”, mas sim refletir, para o além do “ser mulher, ser cientista”, na condição

feminina alicerçada em uma extensa rede discursiva construída histórica e culturalmente, buscando articular a importância das mulheres como sujeitos políticos de sua própria história, por meio de práticas político-pedagógicas.

Desse modo, ao longo das análises, foi possível observar, nas narrativas, obstáculos como indicadores de discriminação, alguns considerados velados, outros nem tanto, especialmente no que se refere à necessidade de demonstrar capacidade a fim de se ocupar determinados lugares. Nesse sentido, homens e mulheres passam a se (con)formarem a partir dessas construções, inclusive, naturalizando determinadas situações. Nessa perspectiva, faz-se necessário problematizarmos as relações de gênero, permeadas por relações de poder-saber existentes nos diversos espaços, com o intuito de repensarmos as situações vivenciadas por muitas mulheres, ainda hoje, na sociedade.

São muitos anos de preconceitos estabelecidos e de atributos considerados inerentes às feminilidades/masculinidades. A questão da maternidade ainda se caracteriza, no contexto atual, como sendo um obstáculo a ser superado, sob pena de retirar muitas mulheres da carreira científica, pois os cuidados e o período de afastamento para a licença continuam, praticamente, exclusivos das mulheres. Além disso, a necessidade de mostrar capacidade física e intelectual, a todo tempo, para demonstrar pertencimento àquele espaço considerado inapropriado à sobrevivência humana, produz um desgaste emocional e, até mesmo, um empenho absurdamente maior por parte das mulheres, a fim de se sentirem reconhecidas como profissionais cientistas, tal qual qualquer outro homem que ali esteja desenvolvendo suas atividades.

Logo, torna-se importante resgatarmos a histórica luta das mulheres e os obstáculos impostos para que elas conquistem determinados lugares, os efeitos das relações de poder estabelecidas em certos ambientes, bem como é essencial recuperarmos e abordarmos o desafio de romper com estereótipos de incapacidade, em que mulheres precisam, permanentemente, demonstrar capacidades e competências na sociedade, além de um esforço excepcional ao exigido para qualquer homem.

De acordo com Keller (2006), o movimento feminista começou com os esforços de poucos indivíduos e grupos, mas, de forma rápida, firmou-se, trazendo, ao centro, todo o maquinário cultural de uma geração, fazendo surgir um movimento de homens, uma geração de pais carinhosos e uma profusão de novas mulheres, com novas formas de falar. A partir desse movimento, igualmente, surgiram novas legislações e novos costumes sociais. Numa palavra, esse movimento transformou o significado de gênero, e um dos resultados dessa transformação foi a abertura da ciência, da engenharia e da

medicina para as mulheres. Porém, apesar dessa abertura, ainda são perceptíveis as dificuldades encontradas e as pressões específicas, no sentido de provar a sua legitimidade como cientistas (KELLER, 2006). Essas pressões, nas narrativas das mulheres que fizeram parte da pesquisa aparecem na forma de um suposto “cuidado” ou, até mesmo, na forma de uma discriminação velada, ou não, quando observamos frases como: “mas você tem certeza que quer ir mesmo?”, “você sente muito frio!”, “é melhor que vá um menino”, entre outras.

Precisamos aprofundar estudos e promover discussões que busquem tornar visíveis as experiências de mulheres em ambientes ditos masculinos, como nesse estudo, o Continente Antártico, refletindo sobre os obstáculos e as dificuldades enfrentadas, por conta das relações de poder estabelecidas, rompendo barreiras culturais construídas historicamente e motivando a integração das mulheres, em especial, no campo do desenvolvimento da ciência (TABAK, 2002). Para além disso, conforme Bourdieu:

Só uma ação coletiva visando organizar uma *luta simbólica* capaz de pôr em questão praticamente todos os pressupostos tácitos da visão falocêntrica de mundo pode determinar a ruptura do acordo quase imediato entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivadas, que é a condição de uma verdadeira conversão coletiva das estruturas mentais, não somente entre os dominados, mas também entre os dominantes, que só podem contribuir para a libertação ao se libertarem do ardiloso privilégio (BOURDIEU, 2019, p. 189) (grifo do autor)

Portanto, conforme mencionado anteriormente, além de reflexões sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres cientistas, é fundamental que sejam encontradas estratégias de possibilidades, pois segundo Mar Lucy Paraíso, a resistência é entendida “como força que move, atravessa, que torce e se alimenta de outras forças, com o intuito de aumentar a potência dos corpos. É efeito de encontros capazes de mobilizar forças; é força inventiva que move e cria possíveis” (PARAISO, 2016, p. 389).

Nesse sentido, importa retomar princípios e práticas das pedagogias feministas, as quais objetivam “conscientizar indivíduos, tanto homens quanto mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la” (SARDENBERG, 2011, p. 19) se fazendo presente nos diversos espaços, contrapondo-se e criando possíveis, como formas de resistência, as quais podem possibilitar outras

redes discursivas, desconstruindo estereótipos entendendo o caráter político de nossas ações, buscando assim desestabilizar “verdades” construídas histórica e culturalmente.

Referências

- BANCO MUNDIAL. **Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016** do Fórum Econômico Mundial. Disponível em <http://www3.weforum.org/>. Acesso em 27 nov. 2018.
- BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial de igualdade de gênero e desenvolvimento**. Disponível em <http://siteresources.worldbank.org/>. Acesso em 27 nov. 2018.
- BANDEIRA, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à ciência**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 288, jan./abr., 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 341 p.
- BITENCOURT, Silvana Maria. **Maternidade e Carreira: Reflexões de Acadêmicas na Fase do Doutorado**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. 192 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. 208 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Revista Educação & Realidade. v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez.1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- BURGINSKI, Vanda Micheli. **Educação e Gênero: uma leitura sobre as pedagogias feministas no Brasil (1970-1990)**. Revista da Ciência da Educação, n. 24, ano XIII, p. 569-593. Disponível em: <https://www.revista.unisal.br/>. Acesso em 23 Jan. 2020.
- CHASSOT, Ativo. **A Ciência é masculina? É sim, senhora!** 2.ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2009. 110 p.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados: Ed. UFGD, 2014. 114 p.
- CORAZZA, Sandra Maria. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos**. Novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 296 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 175 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 320 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2014. 80 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 432 p.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 258 p.

HENNING, Paula Corrêa. **Efeitos de sentidos em discursos educacionais contemporâneos: Produção de saber e moral nas ciências humanas**. 2008. 282 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflexiones sobre Género y Ciencia**. Valência: Edicions Alfons el Magnànim Generalitat Valenciana, 1991. 196 p.

KELLER, Evelyn Fox. **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?** Cadernos Pagu n. 27, p. 13-34, jul/dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

LIMA, Betina Stefanello. **Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências**. 2008. 133 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2008.

LOPES, Maria Margaret. **“Aventureiras” nas Ciências: Refletindo sobre gêneros e História das Ciências Naturais no Brasil**. Cadernos Pagu n. 10, p. 345-368, 1998. Disponível em: <http://taurus.unicamp.br/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

NUNES, Marcomede Rangel. **O Brasil na Antártica**. Rio de Janeiro: Régis Aló, 2005. 168 p.

ONU MULHERES. **Princípios de Empoderamento de Mulheres**. Cartilha da Onu Mulheres. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PARÁISO, Marlucy Alves. **A ciranda do currículo, com gênero, poder e resistência**. Currículo sem fronteiras, v.16, n.3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Considerações introdutórias às pedagogias feministas**. In: Costa, Ana Alice Alcântara. Rodrigues, Alexnaldo Teixeira. Passos, Elizete Silva (Orgs.). Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais, p. 17-32, Salvador: UFBA - NEIM, 2011. 247 p.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a Ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001. 384 p.

SCOTT, Joan W. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/>. Acesso em 17 dez. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: **uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

SIMÕES, Stefany Lucchesi. **A participação das mulheres na questão antártica**. Boletim Geocorrente. 2016. Disponível em <https://www.egn.mar.mil.br/> Acesso em 18 jan. 2018.

TABAK, Fanny. **O laboratório de pandora**: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 262 p.

Recebido em Dezembro de 2019.

Aprovado em Janeiro de 2020.

Revista
Diversidade
e Educação